

AS NUANÇAS DO MEDO: O INQUIETANTE EM O HOMEM DUPLICADO

Renan Marques Isse¹

RESUMO

Não é novidade que a Literatura sofre grandes influências de outras áreas do saber, como a filosofia, sociologia e psicologia. Tais contribuições ajudam bastante a enriquecer as propostas de leitura e de análise das obras literárias, sobretudo no que diz respeito a trazer uma ótica transdisciplinar para o estudo da Literatura, algo que é muito bem visto pelas leituras acadêmicas atuais. No artigo, portanto, buscamos ilustrar como *O homem duplicado* (2006), de José Saramago (1922-2010), apresenta-se em uma posição dialógica com o conceito do *Inquietante* (FREUD, 2010). Nesse sentido, partiremos do desdobramento do conceito proposto pelo mestre da psicanálise e o apontaremos como um elemento que pode contribuir com a realização de uma leitura inspirada em princípios da literatura de terror, visto que uma situação inusitada como a que abordaremos deixa manifestações físicas e psicológicas nos personagens do romance analisado. Nesse sentido, estabeleceremos uma aproximação entre as sensações causadas pelo medo e às manifestações do *Inquietante* na obra literária analisada. Consideramos que promover diálogos entre a Literatura e outros campos do saber é reiterar a posição dos estudos literários como elo entre as diversas áreas de conhecimento e culturas, o que resulta em um maior número de leituras literárias a partir das novas possibilidades de análise e interpretação provenientes das outras ciências.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, O inquietante, Medo, Análise literária.

¹ Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, renanisse18@gmail.com;

INTRODUÇÃO

É inegável que a demonstração dos dilemas humanos, representados pela Literatura, tenha se tornado objeto de estudo das mais diversas áreas de conhecimento. Contribuições valorosas das demais ciências humanas colaboram muito com a ressignificação da mensagem alegórica e do universo representados na obra literária. O caminho oposto – a literatura construída a partir de relatos de outras áreas do saber – também é recorrente na produção literária mundial.

O próprio Sigmund Freud (1856-1939) já declarou que toma uso da Literatura para teorizar sobre alguns conceitos psicanalíticos. Citamos, como um dos mais representativos, o *Complexo de Édipo*, a partir da clássica tragédia *Édipo Rei*. No texto psicanalítico, Freud traça as bases daquilo que viria a ser caracterizado como a sexualidade infantil e suas etapas de desenvolvimento.

Nossa proposta seguirá o mesmo caminho aproximado entre a psicologia/psicanálise e a Literatura ao tomarmos como ponto de partida o fenômeno do *Inquietante* (FREUD, 2010) a partir do romance *O homem duplicado* (2002) de José Saramago (1922-2010), o único escritor de língua portuguesa vencedor do Prêmio Nobel de Literatura até então.

Além de mapear e suscitar discussões entre a literatura e o conceito freudiano do inquietante, demonstraremos como tal fenômeno pode contribuir para criar nuances de terror e medo na obra literária em questão, a partir do comportamento dos personagens. Desse modo, ainda que de forma tímida, proporemos bases para demonstrar a pluralidade de leituras que um texto literário pode promover, desde que as práticas e verificações de leitura sejam coerentes.

METODOLOGIA

A metodologia de trabalho adotada parte, naturalmente, da leitura e compreensão do conceito do *Inquietante*, seguindo a proposta de Sigmund Freud. Nesse sentido, mergulhamos na fortuna crítica da psicologia e psicanálise para melhor compreender da discussão freudiana, e, desta forma, aplicá-la com clareza para demonstrar o nosso objetivo.

A partir desse conceito, empreendemos a leitura do romance *O homem duplicado* (2002) com a intenção de verificar como o contato com a sensação inquietante é capaz de gerar o medo no comportamento psicológico e físico de Tertuliano Máximo Afonso, o protagonista do

romance, de acordo com o desenrolar da narrativa. Nesse sentido, aproximaremos as contribuições de teóricos que se debruçam sobre o medo e suas manifestações.

Seguiremos, portanto, as propostas de trabalho em viés comparatista ao trabalhar a obra literária de José Saramago à luz de noções emprestadas de ciências afins, com a intenção de enriquecer as possibilidades de leitura do romance e, inclusive, salientar um novo caminho de análise ao considerar não apenas o tema do duplo como consequência do inquietante, mas as nuances do medo a partir da situação-chave apresentada em *O homem duplicado*.

REFERENCIAL TEÓRICO

De importância vital para a discussão apresentada, tomamos emprestado o raciocínio apresentado por Freud (2010) para conceituar o que é o inquietante (*das unheimlich*, no termo original alemão). Na sua definição do termo, trata-se de algo que se relaciona com o terrível, com o horrível e com o angustiante.

Parte-se de uma metodologia bifurcada, na qual a primeira indica uma exploração do significado latente da palavra *unheimlich* ao longo dos anos e as definições de suas traduções em alguns idiomas escolhidos. A segunda proposta é analisar os fatos e acontecimentos que indicam o despertar e o reconhecimento da sensação inquietante nos seres humanos.

Analisando o que Freud (2010) aponta sobre a origem da palavra, é possível perceber que

A palavra alemã *unheimlich* é evidentemente o oposto de *heimlich*, *heimisch*, *vertraut* [doméstico, autóctone, familiar], *sendo natural concluir que algo é assustador justamente por não ser conhecido e familiar*. Claro que não é assustador tudo o que é novo e não familiar; a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que algo novo torna-se facilmente assustador e inquietante; algumas coisas novas são assustadoras, certamente não todas. Algo tem de ser acrescentado ao novo e não familiar, a fim de torná-lo inquietante. (FREUD, 2010, p. 331-332. Grifo nosso).

Na perspectiva freudiana, tudo que não é conhecido ou familiar manifesta -se de forma assustadora. Nesse caso, o que dizer quando aquilo que desperta o sentimento de medo e de inquietude é a imagem

mais familiar de que se tem notícia, aquela que o indivíduo vê ao espelho diariamente?

Proseguindo a investigação, Freud (2010, p. 332-339) aponta a dificuldade que se encontra em apontar uma definição condizente à pluralidade de significados que a palavra *unheimlich* possui. Após exaurir a pesquisa com várias definições dicionarizadas em algumas línguas estrangeiras, Freud aproxima algumas definições e chega à conclusão de que um dos sentidos da palavra alemã vai ao encontro do seu oposto. Dessa forma, o psicanalista conclui que, de alguma forma, *unheimlich* se aproxima de *heimlich* (familiar).

O *unheimlich* se aproxima de seu antônimo (*heimlich*) por se tratar de algo inquietante advindo de uma situação familiar. É uma familiaridade inquietante. O *unheimlich* age nos limites do familiar, mas lhe confere um caráter desconhecido e estranho, os quais são responsáveis por provocar medo e horror nos indivíduos. (ISSE, 2021, p. 182)

A base da discussão sobre o conceito do inquietante foi primeiramente apontada pelo psiquiatra alemão Ernst Jentsch. Ele acrescenta o sentimento inquietante deixado por ataques epiléticos ou manifestações de loucura à dúvida que reside na observação de figuras de cera. Em ambos os casos, tanto na doença psíquica quanto na verificação de tais objetos, há uma dúvida oculta: a vivacidade de certas ações ou certos objetos que notoriamente não é presente.

Um dos mais seguros artifícios para criar efeitos inquietantes ao contar uma história, escreve Jentsch, consiste em deixar o leitor na incerteza de que determinada figura seja uma pessoa ou um autômato, e isso de modo que tal incerteza não ocupe o centro da sua atenção, para que ele não seja induzido a investigar a questão e esclarecê-la, pois assim desapareceria o peculiar efeito emocional, como foi dito. Em seus contos fantásticos, E.T.A Hoffmann valeu-se desta manobra psicológica repetidamente e com sucesso. (JENTSCH *apud* FREUD, 2010, p. 341).

Seguindo a ótica do inquietante, podemos analisar a história de Tertuliano Máximo Afonso, um professor de História recém-divorciado, escravo da rotina e das burocracias do cotidiano, melancólico e depressivo. Ao contrário da força de seu nome, sobre o qual vários estudos foram realizados, a melancolia que se apresenta nos primeiros capítulos da leitura demonstra que de fato lhe falta um motivo para viver a vida.

Preocupado com Tertuliano, um colega professor de matemática lhe recomenda assistir a alguns filmes para tentar entreter-se por algumas horas, de modo a diminuir a sisudez de sua personalidade e, quem sabe, divertir-lhe um pouco. “Quem porfia mata a caça” é o título recomendado e responsável por virar ao avesso a vida desse melancólico professor de História.

De Tertuliano só são conhecidas informações a respeito de seu trabalho. Aquele professor, cujo trabalho é uma “fadiga sem sentido e um começo sem fim” (SARAMAGO, 2002, p. 10) encontra um novo sentido na vida assim que assiste ao filme recomendado. Visivelmente desconfortável por ter preterido a correção das tarefas de seus alunos para assistir a um filme que lhe fizera cair no sono, Tertuliano desperta com uma sensação estranha, da qual não se sabia a causa tampouco a origem. Ele apenas sentia que havia alguém na sua casa.

Em uma busca obstinada pelo seu apartamento, ele checa os cômodos um a um; começa pelo banheiro e pela cozinha e não acha nada. Ao se dirigir para a sala de estar, contudo, o narrador saramaguiano indica que a sensação desconhecida se tornara forte novamente, “mais densa a cada passo, como se a atmosfera se tivesse posto a vibrar pela reverberação de uma oculta incandescência” (SARAMAGO, 2002, p. 22).

Tertuliano, que não é nenhum exemplo de coragem ou de herói destemido, também não representa a covardia. Durante a busca pela sensação estranha, as descrições do narrador são contundentes:

É verdade **que sentiu eriçaram-se-lhe os pêlos do corpo**, mas isso até aos lobos sucede quando se enfrentam a um perigo, e a ninguém que esteja em seu juízo perfeito lhe passara pela cabeça sentenciar que os lupinos são uns miseráveis cobardes. Tertuliano Máximo Afonso vai demonstrar que também não o é. (SARAMAGO, 2002, p. 21, grifo nosso).

Chamamos atenção à manifestação física que Tertuliano sentira durante essa empreitada. É evidente que o professor de História sente medo. Essa sensação, por sua vez, é tão intensa que, enquanto buscava o estranho em sua casa, Tertuliano empunha um chinelo, como se fosse um equipamento de proteção, para adentrar os cômodos. Claramente amedrontado, a origem de seu medo lhe inquieta profundamente.

Em outra passagem que indica claramente o medo que Tertuliano sente, o narrador indica que

Olhou a um lado, depois a outro. A percepção de presença que o fizera despertar tornou-se um pouco mais forte. Acendendo as luzes à medida que avançava, **ouvindo ressoar-lhe o coração na caixa do peito** como um cavalo a galope, Tertuliano Máximo Afonso entrou na casa de banho e depois na cozinha. Ninguém. E a presença, ali, era curioso, pareceu-lhe que baixava de intensidade. Regressou ao corredor e enquanto se ia aproximando da sala de estar percebeu que a invisível presença se tornava mais densa a cada passo, como se a atmosfera se tivesse posto a vibrar pela reverberação de uma oculta incandescência, como se o **nervoso Tertuliano Máximo Afonso** caminhasse [...] Não havia ninguém na sala. [...] Tertuliano Máximo Afonso murmurou em voz muito baixa, **com temor**, Era isto, e então, pronunciada a última palavra, a presença, silenciosamente, como uma bola de sabão rebentando, desapareceu. Sim, era aquilo, o aparelho de televisão, o leitor de vídeo, a comédia que se chama Quem Porfia Mata Caça, uma imagem lá dentro que havia regressado ao seu sítio depois de ir acordar Tertuliano Máximo Afonso à cama. (SARAMAGO, 2002, p. 21-22, grifo nosso).

Nesse sentido, o medo é uma sensação que se mostra intimamente ligada aos mecanismos de proteção do ser humano frente ao perigo. A relação que mantém com os instintos de sobrevivência, muito frequentemente possui como origem a consciência de que os homens são mortais, e, portanto, um momento de descuido pode ser fatal (FRANÇA, 2011). Lançar-se em busca do desconhecido, principalmente sem que haja uma imagem concreta sua, é uma situação que coloca o sujeito tangenciando o perigo e seus riscos.

Aceleração cardíaca, temores, nervosismo, pelos corporais arrepiados: todas essas manifestações apresentadas por Tertuliano Máximo Afonso indicam o comportamento claro de um sujeito amedrontado. Defende Delumeau (2007) que o medo

É uma emoção-choque frequentemente precedida de surpresa, provocada pela consciência de um perigo iminente ou presente. Alerta, o organismo reage por comportamentos somáticos e alterações endócrinas que podem ser muito contrastantes dependendo das pessoas e das circunstâncias: aceleração ou diminuição do ritmo cardíaco, respiração muito rápida ou muito lenta, contração ou dilatação dos vasos sanguíneos, aumento ou diminuição da secreção das glândulas, paralisação ou exteriorização

violenta e, no limite, inibição ou, ao contrário, movimentos desconexos ou atabalhoados. (DELUMEAU, 2007, p. 39).

Foi na sala de estar que o professor descobriu a origem da sensação: o aparelho de vídeo donde assistira “Quem porfia mata a caça”. Ciente de que a reconheceria novamente tão logo ela se manifestasse, Tertuliano decide assistir à película novamente. Nesse momento ele se dá conta de que há um personagem secundário, com poucos minutos de tela, cujas feições e traços se assemelham bastante aos seus. Trata-se de Daniel Santa-Clara, pseudônimo do ator António Claro. A revelação se concretiza: Tertuliano Máximo Afonso, de joelhos, “[...] diante do televisor, a cara tão perto do ecrã quanto lho permitia a visão, Sou eu, disse, e outra vez **sentiu que se lhe eriçavam os pêlos do corpo**” (SARAMAGO, 2002, p. 23, grifo nosso).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeiro momento, as palavras adotadas em língua portuguesa não manifestam claramente a ideia de oposição proposta no texto psicanalítico. A investigação, por sua vez, baseia-se na tradução atual da obra freudiana, que propõe a tradução de *unheimlich* não como “estranho”, como veio apresentado nas traduções anteriores, mas como “inquietante”, de modo a indicar que a situação-origem não necessariamente se refere a um caso estranho ao sujeito, isto é, algo de que ele não tem conhecimento, mas, pelo contrário, refere-se a algo com que ele possa ter uma estranha familiaridade. Nesse sentido, como apresentado nas páginas do texto, o que tanto inquietou Tertuliano Máximo Afonso foi o fato de haver no mundo uma pessoa idêntica a ele em feições e traços físicos. O foco da inquietude que sente, portanto, vem de uma figura familiar, visto que se trata de uma pessoa cuja imagem é igual a sua.

Após uma leitura atenta da obra de José Saramago, nota-se que a grande fonte de medo para Tertuliano Máximo Afonso é a sensação inquietante que lhe causara a existência de um personagem com quem o professor de História compartilha traços físicos em sua completude. O caráter familiar do inquietante, portanto, manifesta -se durante a exibição do filme, uma vez que a imagem vista na tela de sua televisão é a mesma vista em uma fotografia tirada alguns anos antes do relato. Por outro lado, o viés estranho se encaixa na situação insólita de existirem dois sujeitos que não são irmãos gêmeos, porém são idênticos entre si.

A constatação enfim, acontece:

Assim que retorna ao vídeo, Tertuliano pausa o filme no momento em que a câmera se dirige a um ator que interpreta um funcionário de um hotel. Após examinar bem as feições do homem, há a constatação da enorme semelhança física. Aquele sujeito que em tudo tem de familiar lhe é inquietante. *Unheimlich*. (ISSE, 2021, p. 183-184)

A partir desse ponto da narrativa, quando Tertuliano Máximo Afonso percebe qual é a origem e o motivo da sensação inquietante, ele não demonstra fisicamente as manifestações do medo. É apenas na parte final do romance, quando ambos os personagens se encontram, que a sensação voltará a afligir o professor, mas, ao final da narrativa, a situação será diferente: o medo que Tertuliano sente é em vistas de não saber como lidar com a existência de duas pessoas iguais no mesmo local. Não se trata, portanto, do medo causado pelo inquietante, cujas manifestações já foram indicadas de forma clara através das reações físicas e psicológicas de Tertuliano Máximo Afonso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do inquietante na literatura apresenta-se como uma preocupação de Saramago, e, ao mesmo tempo, uma questão técnica do elemento fantástico ou insólito. Nesse sentido, Todorov (2010, p. 15) aponta que o fantástico se trata de

[...] um acontecimento impossível de se explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então essa realidade está regida por leis que desconhecemos.

Essa leitura do universo fantástico vai ao encontro da aplicabilidade do inquietante no universo literário de Saramago. Tertuliano Máximo Afonso, em primeiro momento, imagina tratar-se de uma confusão dos seus sentidos e lança-se em uma busca obstinada – assistindo aos filmes da mesma produtora – para constatar se aquela imagem é real ou uma ilusão de seus olhos cansados do trabalho extenuante de um professor de História. Após constatar a existência do seu duplicado, Tertuliano

decide procurá-lo pessoalmente, para que, juntos, tomem uma decisão acerca de suas existências.

A investigação, portanto, verifica que a presença do inquietante, conforme proposto por Freud (2010), pode apontar para leituras que aproximem *O homem duplicado* a uma perspectiva voltada para o terror, ao considerar o enredo do romance como uma proposta de encontros e desencontros com situações que deixam os personagens principais da narrativa com medo e receio de alguns acontecimentos. Tanto Tertuliano Máximo Afonso quanto António Claro, a depender da concentração do olhar do narrador, demonstram medo e incômodo com a situação em que se encontram.

Cientes de que o tema está longe de ser exaurido, esperamos que os caminhos aqui apresentados possam inspirar leituras nesse sentido, que dialoguem com elementos mais presentes da literatura gótica e de terror.

REFERÊNCIAS

DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e de hoje. In NOVAES, Adauto (org.). **Ensaio sobre o medo**. São Paulo: SENAC SP/ SESC SP. p. 39-52, 2007.

FRANÇA, Júlio. Fontes e sentidos do medo como prazer estético. In FRANÇA, Júlio (org.). **Insólito, mitos, lendas, crenças**. Anais do VII Painel Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

FREUD, Sigmund. O Inquietante. *In: Obras completas volume 14*. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ISSE, Renan. O homem duplicado e o inquietante. **Revista Metalinguagens**. v.8, n.2, Julho de 2021, p. 176-189.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução: Maria Clara Correa Castello São Paulo: Perspectiva, 1975.